

PEDAGOGIAS DECOLONIAIS E FORMAÇÃO DE PROFESSORAS¹: POSSIBILIDADES PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Dailza Araújo Lopes

*Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre
Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM/UFBA). Bolsista CAPES.
dailzaaraujo@gmail.com*

*Simpósio Temático nº 21 – GÊNERO, RAÇA, ETNIA, SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO
DOCENTE*

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo refletir as possibilidades de uma educação étnico-racial na formação de professoras na perspectiva da decolonidade. A metodologia aplicada foi a análise de conteúdo - ac, através da pesquisa bibliográfica, na análise do paradidático “cabelo de lelê”. A partir dos resultados alcançados, foi possível compreender a importância da formação inicial de professoras ofertada pelas instituições de ensino superior, as quais devem possibilitar uma prática pedagógica inclusiva e antirracista. Analisa-se também que o livro “O Cabelo de Lelê” é uma ferramenta potencializadora para o trabalho com as diferenças, onde estamos chamando de pedagogias decoloniais, pois estas permitem outros olhares para a prática docente, atua no fortalecimento da educação étnico-racial, numa formação identitária positiva para crianças negras, e a desconstrução do imaginário subjetivo sobre a estética negra, a qual pode ser possibilitada através de uma abordagem pensada a partir do conceito de decolonialidade, uma vez que, historicamente, os efeitos da colonialidade do ser reforçam estruturas de dominação sobre a corporeidade negra.

Palavras-chave: O Cabelo de Lelê, Decolonialidade, Formação de professoras.

ABSTRAT

The present study aimed to reflect on the possibilities of a racial-ethnic education in teacher education from the perspective of decolonality. The methodology applied was content analysis - ac, through bibliographic research, in the analysis of the textbook "O Cabelo de Lelê". From the results achieved, it was possible to understand the importance of initial teacher training offered by higher education institutions, which should enable an inclusive and anti-racist pedagogical practice. It is also analyzed that the book "O Cabelo de Lelê" is a potential tool for working with differences, where we are calling decolonial pedagogies, because these allow other looks for the teaching practice, acts in the strengthening of ethnic-racial education, in a positive identity formation for black

¹ Por uma opção política, faço uso ao longo do texto do gênero feminino para me referir à todas as pessoas.

children, and the deconstruction of the subjective imaginary about black aesthetics, which can be made possible through an approach based on the concept of decoloniality, since, historically, the effects of the coloniality of being reinforce structures of domination over black corporeality.

Keywords: O Cabelo de Lelê, Decoloniality, Teacher Training.

INTRODUÇÃO

A educação enquanto ferramenta de transformação social, é forjada em um contexto histórico, aqui no nosso país, a escravidão desencadeou desigualdades nas mais diversas dimensões da sociedade, junto com ele se instaura também a colonização, que foi atuou de forma tão eficaz que dominou o corpo e a mente dos grupos que não estavam na base da hierarquia dominante.

Os estudos sobre colonialidade apontam esse conceito como sendo “uma permanência das estruturas subjetivas, dos imaginários e da colonização epistemológica” (OLIVEIRA; CANDAU, 2010, p. 19), ainda que o colonialismo tivesse em tese, terminado, as estruturas de poder ainda permaneceram e permanecem influenciando as relações sociais a partir do exercício do poder de um grupo sobre outro. Do ponto de vista analítico, a colonialidade atua no imaginário simbólico a partir das dimensões “do ser”, “saber” e “do poder”, cada uma delas, à sua maneira, traz consequências para a formação identitária, principalmente para a população negra, indígena e quilombola, pois de acordo com Quijano (2005) a colonialidade vai estar ligada à construção de desenvolvimento do capitalismo colonial/moderno, a partir de uma concepção eurocêntrica, que sofre influência da globalização, estabelecendo novas formas exercer o poder a nível mundial.

No contexto da educação, que também é um processo histórico, essa perspectiva da colonialidade, chega aos currículos da educação básica, e da formação de professores. O que vai interferir diretamente nas práticas pedagógicas, por esse motivo destaca-se a relevância do presente trabalho, como sendo uma contribuição para repensar a educação para as relações étnico-raciais, sobretudo, na formação de professores, por isso propõe-se uma pedagogia que tenha uma proposta decolonial, que venha desconstruir as práticas e currículos moldados pelo racismo.

Como recorte de pesquisa, buscamos pensar a colonialidade do ser, que atuou e atua na dimensão subjetiva identitária, pensando a partir da questão estética,

principalmente das crianças negras, para tanto, realizou-se a análise do livro “O cabelo de Lelê”, da autora Valéria Belém. A metodologia aplicada ancora-se na abordagem qualitativa, a partir da pesquisa bibliográfica e do método investigativo de Análise de Conteúdo – AC.

Considerando o exposto, a questão que norteou a presente pesquisa foi a seguinte: Há possibilidades de uma educação étnico-racial na formação de professores(as) na perspectiva da decolonialidade através do livro “O Cabelo de lelê”? Tendo como objetivo geral, refletir as possibilidades de uma educação étnico-racial na formação de professores(as) na perspectiva da decolonialidade através do livro “O Cabelo de lelê”.

PERSPECTIVAS DECOLONIAIS DE EDUCAÇÃO: POR UMA NOVA PEDAGOGIA

A maneira como foram construídos os discursos que legitimaram os processos de colonização, de escravidão e por consequência o tráfico de africanos(as) para o Brasil, retiraram não apenas elementos históricos e populacionais do continente africano, como também elementos étnicos, estéticos e subjetivos, corroborando para que, do ponto de vista discursivo, a população negra em diáspora, não tivesse subsídios para construção de referenciais positivos de representatividade ao longo da história.

Torna-se de acordo com Maldonado Torres (2019) aponta que:

A colonialidade do ser envolve a introdução da lógica colonial nas concepções e na experiência de tempo e espaço, bem como na subjetividade [...] inclui a colonialidade da visão e dos demais sentidos, que são meios em virtude dos quais o sujeito tem um senso de si e do seu mundo. (TORRES, 2019, 42).

Optamos por trazer aqui a dimensão da relação com a estética, mais precisamente com o cabelo crespo, políticas de identidade e subjetividade. A colonialidade do ser entrecruzada com a do poder e saber, instituiu um ideal de beleza dominante que se legitima a partir de uma perspectiva europeia, branca e ocidental. Invisibilizando a importância histórica do continente africano, e subalternizando todas as outras formas de estética, inclusive a estética negra afro-diaspórica². Nesse contexto de desvalorização e

² Um conceito de Mattos (2015, p. 52) que trata de uma “das transformações do padrão estético normativo e do Empoderamento Crespo”. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/view/2164/0>>. Acesso em: 03 de out. 2020.

silenciamento, as identidades negras foram forjadas sobre ideais simbólicos negativos, desvinculados da ligação com o continente africano, sobretudo, no que diz respeito ao cabelo crespo.

Nilma Lino **Gomes**³ (2008) quando pontua sobre a relação do corpo e do cabelo como uma forma de identidade, aponta várias reflexões sobre a temática:

Nesse processo de escravização, a primeira coisa que os comerciantes de escravos faziam com sua carga humana era raspar a cabeça, se isso já não tinha sido feito pelos seus captores. Era uma tremenda humilhação para um africano ser capturado por um membro de outra etnia ou por um mercador de escravos e ter seu cabelo e sua barba raspados, dando-lhe a aparência de um prisioneiro de guerra. Nesse sentido, quanto mais elementos simbólicos fossem retirados, capazes de abalar a auto-estima dos cativos, mais os colonizadores criavam condições propícias para alcançar com sucesso a empreitada comercial. [...] A cabeça raspada era uma das estratégias dos colonizadores europeus na tentativa de erradicar a cultura dos africanos escravizados, alterando radicalmente a sua relação com o cabelo. (GOMES, 2008, p. 316)

A partir da reflexão proposta pela autora, uma das formas de ressignificar a relação à população negra com sua história, é através do resgate à uma perspectiva de educação que possa desconstruir e erradicar as práticas racistas, instituídas historicamente através da cultura.

Nesse contexto, propõe-se a educação antirracista a partir de uma perspectiva decolonial de educação, como mecanismo pedagógico de ação combativa. Brasil (2005) aponta a educação antirracista como práticas em sala de aula com o objetivo de discutir e tematizar as relações raciais no Brasil, pontuando a relação do Brasil com o continente africano, enquanto perspectiva apresentada pela lei 10.639/03, que na realidade do cotidiano dos movimentos sociais, transpassa para outros espaços, dado que o racismo é uma ideologia que estrutura relações, portanto, através de outras possibilidades de debate trazer novas práticas por meio da educação antirracista.

Aqui o termo decolonial é utilizado como uma opção política que se configura como “uma estratégia que vai além da transformação da descolonização, ou seja, supõe

³ As autoras negras e autores negros terão neste artigo seu sobrenome em destaque na primeira vez que forem citadas(os), como forma de combater a invisibilidade das intelectuais negras e negras dentro das políticas de citação. Esta ação é um desdobramento coletivo surgido na Escola Transnacional de Feminismo Negro e Decolonial, realizada em Cachoeira/Ba, em 2018, seguindo também construção de uma epistemologia insubmissa feminista negra decolonial (FIGUEIREDO, 2020).

também construção e criação. Sua meta é a reconstrução radical do ser, do poder e do saber”. (OLIVEIRA; CANDAU, 2010, p. 24). Nesse contexto,

A Pedagogia Decolonial trabalha com as subjetividades buscando desconstruir a escravidão espiritual dos povos anteriormente dominados pela colonização europeia e que permanecem subjugados pela mentalidade eurocêntrica onde um negro não se vê como um negro mas como “moreno” e onde meninas negras sofrem a tortura consentida ou não do alisamento químico de seus cabelos originais. (GALLINDO; SILVA, 2018, p. 22).

Essa pedagogia deve chegar a todos os níveis, etapas e modalidades da educação, sobretudo na formação de professores(as), uma vez que serão esses(as) profissionais que vão atuar diretamente nos diversos espaços educativos. Nesse contexto, reflexões sobre a importância das relações étnico-raciais no contexto de formação docente, se tornam de grande relevância.

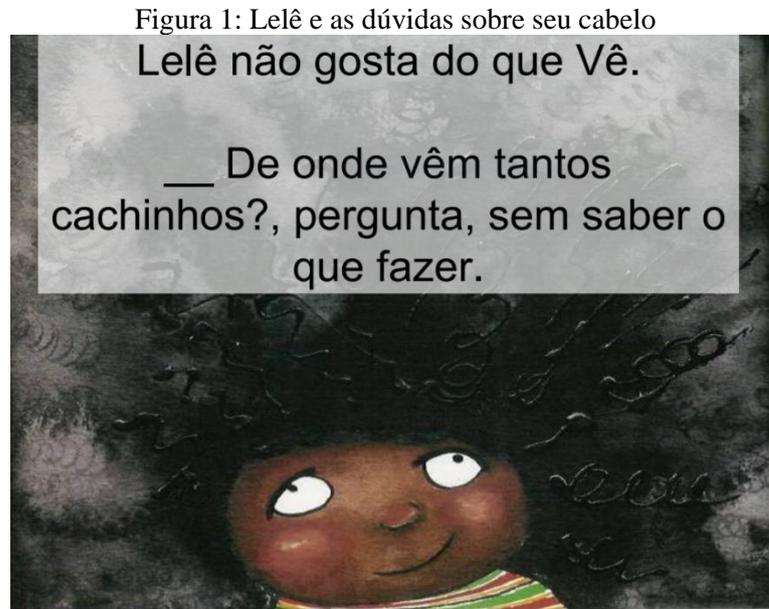
LIVRO “O CABELO DE LELÊ” E AS PROPOSTAS DE UMA PEDAGOGIA DECOLONIAL E ANTIRRACISTA

Na perspectiva da proposta aqui apresentada para esta pesquisa, como procedimento para construção das informações propomos a utilização do método de Análise de Conteúdo – AC, que inicialmente será utilizada para construção das informações. Para Bardin (1977, p. 95), “as etapas desse processo, as quais se constituem para a consecução da análise de conteúdo, organizadas em três fases: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.”

A partir das análises torna-se importante pontuar que o referido livro, foi escrito pela jornalista e escritora Valéria Belém com ilustração da artista plástica, professora e ilustradora Adriana Mendonça, e, publicado pela companhia editora nacional, com primeira publicação no ano de 2007.

A capa do livro já faz um convite a repensar as formas estéticas dominantes, visto que os fios volumosos do cabelo de Lelê preenchem toda a capa do livro, e, em suas mãos há um livro que possuem a descrição “países africanos”. Para crianças negras, estar com um livro que possuem essa mensagem imagética que vai corroborar para a construção de uma autoimagem positiva desde a infância.

A primeira página do livro está representada na imagem que segue, onde aponta as questões de Lelê com seu cabelo, onde ela não compreende o formato dos fios, como representa a Figura 1:



Fonte: Belém (2007).

Assim, “as imagens suscitadas tanto pelas ilustrações quanto pelas descrições e ações da personagem negra podem ser utilizadas de maneira construtiva, de modo que contribuam para a autoestima das crianças negras, bem como para a sensibilização das não negras.” (SOUSA, 2001, p.196).

No entanto, há um entrave em torno da transformação social pela educação antirracista, uma vez que **Cavalleiro** (2006, p. 23) “aponta que a escola em muitos casos se silencia diante do racismo”, portanto, reconhecer esse problema e combatê-lo no espaço escolar, é um papel da educação para as relações étnico-raciais. Pois, esta, é capaz de promover a promoção do respeito mútuo, o respeito ao outro, o reconhecimento das diferenças, o combate às desigualdades, ao preconceito e a discriminação.

É sabido que para novas possibilidades de ensino podem ser ampliadas quando o professor possui um arcabouço teórico-epistemológico amplo e diversificadamente crítico-reflexivo. Desta forma, uma formação de professores(as) que possibilite uma compreensão holística do mundo, que vá além das questões didáticas e pedagógicas, dará aos professores subsídios para abordar as diferenças, saber lidar com os sujeitos e trazer

outras concepções pedagógicas, “construindo outras pedagogias inspiradas em outras epistemologias”. (ARROYO, 2014, 19.).

Para isso, Franco, Libâneo e Pimenta (2007, p. 67) observam a “Pedagogia como teoria e prática da educação, que estabelece finalidades e viabiliza processos organizativos, curriculares e docentes para as práticas educativas”, e acrescentam que:

No entanto, a transformação das práticas só poderá ocorrer a partir da compreensão dos pressupostos teóricos que as organizam e das condições dadas historicamente. É também necessário considerar que a prática, como atividade sócio-histórica e intencional, precisa estar em constante processo de redirecionamento, com vistas a se assumir em sua responsabilidade social crítica. Esse papel político-crítico de pautar no coletivo as transformações da prática será desencadeado pela atividade pedagógica, em diferentes níveis de atuação. (FRANCO, LIBÂNEO, PIMENTA, 2007, p. 68).

Diante do exposto, a formação de professores(as) deve abranger além da proposta que fortaleça a educação étnico-racial, mas que possa partir de uma nova perspectiva que venha a desconstruir a colonialidade do ser, e que possa criar mecanismo para a construção de uma identidade positivada, essas ações, podem ser possibilitadas por pedagogias decoloniais, a partir de uma formação que permita reconhecer a importância do continente africano na história.

Há uma relação geracional e afetuosa em relação ao cuidado com os cabelos das mulheres e meninas negras. Devido a manutenção dos costumes das mulheres africanas da diáspora no Brasil, cada vez mais estudos apontam para a relação do uso de penteados e do cabelo crespo como uma forma de proximidade, ou retorno a uma origem comum, como podemos perceber em Angela **Figueiredo** (2012)

Ainda que desde o período da escravidão as mulheres negras usassem tranças, em período posterior, somente as crianças permaneceram utilizando-as. Contudo, é somente nos anos 70, do século XX, principalmente, a partir do surgimento do bloco afro Ilê Aiyê que se visualiza a emergência de uma proposta estética inspirada nas tranças, tal como existe nos países africanos. Nessa situação, o pioneirismo do trançado de Dete Lima e Negra Jhô precisa ser destacado porque seus respectivos discursos remetem-nos à origem e à identidade dos penteados nos países da África. (FIGUEIREDO, 2012, p. 296).

Esse processo de manutenção das formas de fazer penteados e de cuidar do cabelo, pode-se relacionar a uma herança dos costumes das mulheres africanas que aqui

chegaram, e que mesmo diante da impossibilidade de permanecer com alguns costumes, estes vão sendo ressignificados e reconstruídos, dentro do contexto de dominação colonial, conforme aponta a Figura 2 a seguir:

Figura 2: penteados



Fonte: Belém (2007).

A forma como nos ensinaram a lidar com a nossa ligação com o continente africano foi pelo viés de uma história única, estigmatizada, sem referenciais positivos, assim conhecer as experiências das diásporas, especialmente nas Américas nos levará a um caminho com condições de perceber a forma como as narrativas coloniais foram sustentadas, não permitindo que pudéssemos nós perceber enquanto sujeitos históricos. Apesar da tentativa de silenciamento cultural, durante o processo de escravidão, Gomes (2008) aponta outros caminhos que deram origem a uma preservação da identidade do africano aqui no Brasil:

A identidade do africano continuou inscrita no seu corpo, no seu cabelo, nas suas crenças, na sua cultura. Mesmo que não lhe fosse permitido esculpir e adornar majestosamente os seus cabelos, essa prática continuou guardada na memória [...]. Dos penteados elaborados, repletos de simbologia até a imitação do estilo de cabelo dos brancos adaptada aos cachos do cabelo crespo, uma longa história de transformação foi sendo, aos poucos, construída, da qual somos hoje herdeiros (GOMES, 2008, p. 360).

Portanto, as intervenções através da história do cabelo de Lelê permitirão que crianças negras e não negras, possam fazer “o resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas” (MUNANGA, 2005, p.16).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões tecidas ao longo dessa escrita possuem função provocativa, e não se esgotam nestas considerações finais, visto que há um longo processo de desconstrução histórica em curso, que só pode ser concluído por intermédio de uma educação que esteja comprometida com outras perspectivas de formação do sujeito.

Desta forma, após as análises realizadas, percebe-se que há possibilidades de práticas de uma educação étnico-racial na formação de professores(as) na perspectiva da decolonialidade através do livro “O Cabelo de lelê”, pois este enquanto um livro infantil, ao ser trabalhado na sala de aula, possibilita que estejam sendo criados espaços de respeito às diferenças, a valorização da estética de crianças negras, e o reconhecimento das várias identidades pelas crianças não negras, desconstruindo assim, o ideário baseado nas formas estéticas dominantes, que coloca a pessoa negra, num local discursivo simbólico de negatividade.

Ao relacionar decolonialidade formação de professores(as) e a proposta da educação étnico-racial, é possível apontar que as ações dos(as) professores(as) podem ser fundamentais para construir uma nova perspectiva que venha a desconstruir a colonialidade do ser, através de pedagogias decoloniais, baseadas na educação antirracista, pois retomar a ligação com o continente africano, é com certeza abrir novas visões, que não aquela que contemple apenas uma história única, com vistas também a atender à proposta da lei 10.639/03.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. 2 ed. Petrópolis: Vozes. 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977.

BRASIL. Lei 10.639 de 09 de janeiro de 2003 que altera a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília, 2003.

BRASIL. **Educação Antirracista:** caminhos abertos pela Lei Federal nº. 10.639/03. Brasília: Ministério da Educação/SECAD, 2005.

CAVALLEIRO, Eliane. Introdução. In: BRASIL. **Alfabetização e Diversidade:** Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais. Brasília: SECAD, 2006. p. 15-28.

FIGUEIREDO, Angela. Global african hair: representação e recepção do cabelo crespo numa exposição fotográfica. In: SANSONE, Lívio. **A política do intangível:** museus e patrimônios em nova perspectiva (Org.). Salvador: Edufba, 2012. p.293-313.

FRANCO, Maria Amélia Santoro; LIBÂNEO, José Carlos; PIMENTA, Selma Garrido. **Elementos para a formulação de diretrizes curriculares para cursos de pedagogia.** Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 130, p. 63-97, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/0D/cp/v37n130/05.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2019.

GALLINDO; Lucione Santiago; SILVA, Auxiliadora Maria Martins da. **Pedagogia Decolonial – Kanteatro:** prática de uma educação antirracista. In: **VI Encontro de Pesquisa Educacional em Pernambuco.** Pernambuco, UFRPE, 2008. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1z7TGT8ClzIvpz7TkVsr0agU9XetPCKxR/view>>. Acesso em: 12 out. 2020.

GOMES, Nilma. Lino. **Sem perder a raiz:** Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. **O movimento negro educador.** Saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis, RJ: vozes, 2017.

MUNANGA, Kabenguele. Apresentação. In: _____ (Org.). **Superando o Racismo na escola.** 2. Ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil.** Educ. rev. [online]. 2010, vol.26, n.1, pp.15-40. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/edur/v26n1/02.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2020.

QUIJANO, Aníbal. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber:** eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, 2005. p. 107-130.

SOUSA, Andréia Lisboa. Personagens Negros na Literatura Infanto-juvenil: rompendo estereótipos In: CAVALLEIRO, Eliane (Org.). **Racismo e anti-racismo na educação:** repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001. p. 195-208.

TORRES, Maldonado. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson e GROSGOUEL, Ramon (orgs) **Decolonialidade e Pensamento Afro Diaspórico.** Belo Horizonte, Ed Autêntica, 2019. p. 27-54.